

N. 4/6/82 Lead

# ASSUMIR O PASSADO PARA O LIQUIDAR

## — via de um futuro digno apontada pelo Presidente Samora aos comprometidos

por António Souto e Ricardo Timane (texto) e Luís Souto (fotos)

«O futuro depende de nós, do que fizermos agora. É agora que temos de liquidar o passado... A dignidade das gerações vindouras depende do que fizermos agora. Não queremos ser uma geração mediocre, com defeitos históricos, marcada pelo passado» — disse o Presidente Samora Machel no início da noite de ontem ao fazer a síntese do terceiro dia de trabalhos da reunião com os comprometidos com o colonialismo. O encontro da Direcção do Partido e do Estado com aqueles cidadãos teve início há três semanas, tendo sido interrompido após dois dias de trabalhos.

Proseguindo ontem com a análise da trajectória de compromisso dos ex-PIDEs o Presidente do Partido Frelimo após dialogar com umas três dezenas de cidadãos com aquele passado disse: «Alguns tiveram atitudes louváveis. Tomaram consciência dos crimes que cometeram... Avançamos, demos passos positivos... Com outros termos que voltar a falar, porque recusam aceitar verem-se ao espelho».

«A primeira semente, a primeira geração de moçambicanos somos nós. Somos os primeiros moçambicanos livres. Temos a responsabilidade de apontar com o dedo firme o que queremos», disse o Presidente Samora Machel.

Realçou também que todos os comprometidos tiveram um familiar mais

tu para a Tanzânia trazendo a lição bem estudada: comandando um grupo de agentes da PIDE/DGS depois de se introduzir na FRELIMO deveria procurar alcançar os mais altos escalões da estrutura da organização, de modo a poder influenciar a FRENTE retirando-lhe o seu carácter verdadeiramente nacionalista.

A sua passagem pela Tanzânia de 1963 a 1965 foi objecto de uma longa narração de factos e de acontecimentos que se saldaram no entanto, no seu desmascaramento e posterior prisão, pela polícia tanzaniana.

Expulso deste país conjuntamente com outros dos seus colaboradores da PIDE/DGS infiltrados, Fumane após uma fracassada tentativa de entrada na Zâmbia e de uma passa-

psico-social em Namputa destinados às zonas de guerra. Sobre a sua participação Fumane procura reduzir a importância e pouco mais disse.

Em seguida já de novo em Lourenço Marques foi colocado pela PIDE/DGS como oficial de diligências num Tribunal onde as autoridades coloniais pretendiam resolver «um problema». Na versão de Fumane a sua estada aí tinha como único objectivo, «mudar de emprego». Esse seu interesse apagou-se um dia quando um senhor do regime de visita ao Tribunal perguntou: «Quem é o Fumane?». Resposta do próprio: «Sou eu». E outro: «Aí sim, hummmmm!» E foi por estas misteriosas razões que Fumane diz que abandonou o Tribunal.

Mas a sua trajectória não ficou por

— «Quantas crianças ficaram sem os pais?»

— «São muitas».

— «A tua consciência de aventureiro fazia da vida das pessoas, tuas aventuras».

Após o intervalo para o almoço, ao retomar os trabalhos, o Presidente do Partido Frelimo comentou que o trabalho estava a ser difícil, mas que era necessário prosseguir-lo para os comprometidos despirem-se da carga impura... do fardo que os perseguirá por toda a vida se não se libertarem.

A impressão que até aqui me deu é a de que a PIDE era uma coisa boa, que apenas dava empregos, e que para se trabalhar aí não era preciso ter certas qualidades, não era necessário dar qualquer prova — disse Samora Machel.

E dirigindo-se a um dos presentes que fora guardado nas cadeias da PIDE, perguntou-lhe se não via diferença na actividade de um indivíduo que tinha à sua conta prisioneiros políticos com a de um outro que guardava detidos de outra natureza.

rios, ou para os locais de investigação.

Então, transportavam compatrótiotas para a tortura... Outra acção?

— Guiávamos os agentes para fazerem serviços no mato e nos subúrbios, onde iam buscar e prender certas pessoas.

— Então participavam também nas operações de busca, perseguição e captura dos compatrótiotas que resistiam à opressão. Esta é a missão principal do motorista da PIDE, para a qual tem de estar pronto a qualquer hora e em qualquer circunstância. Se o perseguido fugia ou resistia, o que acontecia?

— O agente estava armado e disparava. Às vezes matava-o...

Por este processo surgia, também cada vez mais abissal, a diferença da actividade de um motorista ao serviço da PIDE ou de outro instituído. De modo cada vez mais preciso definiram-se os contornos do compromisso destes cidadãos.

A dada altura, individualmente, alguns deles contribuíram com pormenores interessantes sobre a actualização daquela polícia. Uns revelaram que, das cadeias, após os interrogatórios, transportavam a cáda vez para o hospital. Aqui chegados, com uma requisição para que o «doente» tivesse baixa, afirmavam que ele tinha «morrido no caminho». No hospital como já havia combinação com certas pessoas, não surgiam problemas e passavam uma certidão de óbito devido a uma doença qualquer.

Outros motoristas deram conta da sua participação no transporte de cadáveres que tinham de desaparecer sem deixar vestígios, enterrando-os em sítios escondidos ou lançando-os ao mar.

Ainda outros falaram da viagem para a morte. Para certos prisioneiros, cuja detenção já não interessava, organizava-se uma «fuga». Na fuga eram abatidos...

O Presidente Samora Machel fez notar que estes comprometidos participaram nestes crimes, colaborando também no silêncio sobre o destino das vítimas. Disse-lhes que eles poderão colaborar na elaboração de um documento sobre a actualização da PIDE, bem como na indicação de locais onde se encontram os restos mortais de resistentes. «Isso será um acto patriótico».

«Devemos honrar esses heróis, mas desconhecemos os seus túmulos. As suas famílias querem recordá-los...» — disse, acrescentando: «Para vocês participarem nessas acções tiveram de vos tornar insensíveis. Puseram-vos a lutar contra os vossos irmãos».

Depois do diálogo com estas duas dezenas de motoristas, o Presidente chamou os informadores.

Nos casos mais graves de entre estes o Chefe do Estado decidiu conversar com eles numa próxima ocasião.

Os informadores referiram que, por cada informação passada ao agente, recebiam 250 escudos nuns casos e 200 noutros. Depois da informação passada num breve encontro com o agente, tendo em Lourenço Marques como local preferido, o Largo Albasini, zona de fronteira entre o cimento e os subúrbios, o informador não tinha qualquer responsabilidade sobre a fidelidade da sua denúncia. As vítimas das suas denúncias, as consequências para os familiares das vítimas, não os perturbava.



A direita, o Chefe do Estado em diálogo com um dos Pides. À esquerda, o grupo de motoristas da PIDE: no início do diálogo eram simples motoristas, depois começaram a descrever o transporte de cadáveres e as operações de busca, perseguição e captura

ou menos próximo ou pelo menos um bom amigo que se sacrificou pela liberdade. Frisou que isto acentua a responsabilidade da actual geração de moçambicanos quer sejam comprometidos ou compatrótiotas.

Ao sintetizar estes aspectos, o Presidente Samora Machel recordou passagens de alguns dos diálogos e intervenções na sessão de ontem.

Esta começou com o prosseguimento do depoimento de José Fumane, antigo agente da PIDE/DGS. A sua intervenção seria um exemplo acabado, daqueles a quem mais tarde o Presidente Samora se referiria como os que «recusam aceitar verem-se ao espelho».

Depois dos estudos primários sob o patrocínio de um médico português, Fumane foi residir para Lourenço Marques onde arranjou colocação. Daqui, as autoridades coloniais mandaram-no de regresso à sua região natal, Fumane, para aí ser colocado como régulo. No desempenho destas funções, no entanto, Fumane não conseguiu fazer-se aceitar-se pela população tendo sido posteriormente enquadrado pela PIDE.

Como sua primeira tarefa importante ao serviço da PIDE, Fumane par-

tem no Malawi, regressou a Moçambique entrando pela província de Tete. O inspector Freitas, alertado em Lourenço Marques do regresso do seu agente protegido depois de um encontro fê-lo apanhar um avião com destino àquela cidade. Aqui ainda no próprio aeroporto foi recebido por outros agentes da PIDE/DGS que o conduziram para a Vila Algarve, a sede desta organização criminosa, onde permaneceria cerca de dois meses: Finalidade: dar relatório completo do que viu e ouviu.

Nesta altura do seu depoimento, José João Fumane, estanca a fluência das suas palavras. A sua memória tão ágil, tão viva a contar pormenores, detalhes, nomes e outros episódios da sua passagem pela Tanzânia, como que amarrada por um sono mortal, adormece. Poucos mais dados revela e no entanto, é aí que se acentua a sua prática de carrasco como agente da PIDE/DGS.

Sobre os dois meses que passou na Vila Algarve, as informações que transmitiu, as perguntas que lhe fizeram as denúncias que fez, Fumane pouco ou nada disse.

Em 1966 foi encarregado de organizar programas radiofónicos da

aquela. Algum tempo depois tornou-se sócio de uma empresa de publicidade que contratava artistas sul-africanos para actuarem em Moçambique. Na realidade após a sua missão era dar informações sobre a acção dos patrôtiotas sul-africanos.

Finalmente a PIDE/DGS enviou para Gaza, como camaradeiro na sua região.

Interrompido pelo Presidente Samora para que explicasse estas últimas fases da sua trajectória, Fumane remetendo-se na defensiva nada acrescentou.

Segundo ele a partir de 1972 desligou-se da PIDE/DGS. Contudo os factos comprovam o contrário. Como poderia a PIDE deixar perder sem qualquer explicação, um quadro que ela tão cuidadosamente preparara?

No final o Presidente Samora travou um diálogo com José João Fumane. A capa de inocência caiu, mas no entanto aquele continuava a ensaiar teatralmente desculpas para as suas ligações com a PIDE.

— «Quantos mataste?»

— «Muitos sr. Presidente. Não directamente mas pelas informações que dava».

Generalizando o problema, questionou ainda se exercer-se as funções de escriturário em serviços como a agricultura, fazenda, veterinária era o mesmo que fazer-se tal tarefa numa instituição em que mesmo os documentos e os assuntos aí tratados dizem directamente respeito à repressão, brutalidade e à opressão de todo um povo.

Para evidenciar a incongruência de certos relatos, o dirigente máximo da Revolução moçambicana insistiu: Que polícia eras tu que não fazias nada, que tratavas bem toda a gente e ainda por cima te pagavam?

Após estas observações Samora Machel provocou o silêncio por alguns momentos. De seguida chamou todos os que foram motoristas e, num diálogo colectivo caracterizado por um profundo didatismo, levou-os a descreverem com pormenor as diferentes tarefas de um motorista da PIDE.

— Qual era a vossa missão?

— Transportar presos, pessoal da PIDE...

— Transportar presos de onde para onde?

— Da cadeia para os interrogató-